

# OS ESTUDOS CULTURAIS E O INSTITUTO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DA NOVA/FCSH EM 2022: UMA PERSPECTIVA DAS SUAS PRÁTICAS E DESAFIOS

**Filomena Serra<sup>1</sup>**

Instituto de História Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa / IN2PAST — Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território.

O Instituto de História Contemporânea da NOVA/FCSH,<sup>2</sup> enquanto unidade de investigação universitária dedicada a uma investigação inovadora e à transferência de conhecimento, construiu ao longo dos anos da sua história uma forte identidade que lhe permitiu conquistar uma posição invejável na esfera universitária.

A hipótese de partida para analisar o lugar dos Estudos Culturais nas práticas científicas do IHC é a do sujeito que constrói um discurso a partir do seu lugar de fala: isto é, o lugar da investigadora que partilha as experiências do seu grupo de trabalho e que, simultaneamente, reconhece que existe um passado histórico do contexto em que se insere.<sup>3</sup>

Sou assim uma individualidade com a minha própria historicidade (Collins, 2000, p. 300), a articular a perspectiva individual com o grupo institucional, desde que há cerca de um ano sou investigadora integrada no IHC. A verdade é que cheguei insatisfeita com as práticas teóricas e metodológicas tradicionais dos estudos da história da arte em cujo Instituto fiz anteriormente mais de vinte anos do percurso académico.

A título introdutório julgo, ainda, importante sublinhar que pretenderei, tanto quanto possível, responder aos objectivos deste I Congresso da Rede Na-

<sup>1</sup> Este texto está escrito segundo o antigo acordo ortográfico.

<sup>2</sup> O IHC passou recentemente a designar-se IHC — NOVA FCSH / IN2PAST. Por comodidade de exposição designamo-lo no texto, simplesmente por IHC, excepto quando essa distinção for necessária.

<sup>3</sup> Agradeço ao IHC e ao meu Grupo de Investigação a possibilidade de ter estado presente, em sua representação, no I Congresso da RNEC, em 2022.

cional em Estudos Culturais, ao tentar dar a conhecer a comunidade académica do meu Instituto. Em primeiro lugar, farei uma síntese da história do IHC e dos seus primeiros impulsionadores até aos dias de hoje, abordando em seguida a acção que modelou o seu funcionamento até à actualidade configurando-o naquilo que ele é hoje enquanto instituto de investigação da história contemporânea com uma forte identidade e cujas vivências se desenrolam num ambiente multicultural, criativo e colaborativo. Finalmente abordarei o Grupo de Investigação no qual me integro “Cultura – Poder, Mediações Modernas e Artes” e o paradigma interdisciplinar passando a uma sucinta síntese das actividades muitas vezes coincidentes com as Linhas Temáticas de investigação.

O prisma com que abordo as práticas e desafios do IHC é, pois, o meu ponto de vista, baseado nas experiências que tenho vindo a realizar e a partilhar com outros colegas, ao explorarmos possibilidades e linhas promissoras de pensamento e teoria crítica para os nossos próprios estudos. É também a construção de uma identidade e a busca de uma alternativa teórico-metodológica enquanto historiadora que procura no campo dos Estudos Culturais novos caminhos que possam responder às interrogações sobre o mundo contemporâneo.

## O IHC COMO ESPAÇO INTER-GERACIONAL

Em 2022, o Instituto de História Contemporânea assinala trinta e dois anos de existência. Originalmente constituído por um núcleo de docentes do Departamento de História da NOVA FCSH, no qual se incluíam nomes como os historiadores Oliveira Marques, António Pedro Vicente, António Reis, José Medeiros Ferreira e Maria de Cândida Proença, mas também de uma geração posterior como Fernando Rosas e Luís Espinha da Silveira ou, ainda, Pedro Aires de Oliveira e José Neves (actual director), o IHC viria a ser construído no início dos anos 90 do século XX como um centro dedicado à História Contemporânea. Seriam estes docentes grandes impulsionadores dos estudos históricos e da história da contemporaneidade e em especial do século XX. São conhecidos, entre outros, os valiosos contributos à História do Estado Novo e à História comparada do Fascismo, mas também à História do Colonialismo e da Descolonização.

Espaço de colaboração inter-geracional, o IHC teve ao longo dos anos um papel activo de intervenção em debates cívicos e culturais na preservação da memória colectiva, assumindo um papel relevante no programa científico do Centenário da Primeira República; em torno do centenário da Grande

Guerra; ou ainda em projectos marcantes na relação com a sociedade civil, instituições públicas e empresas. É de realçar que o primeiro equipamento cultural em Lisboa dedicado à memória da repressão política sob o Estado Novo – o Museu do Aljube, inaugurado em 25 de abril de 2015 – contou com a colaboração e apoio científico do IHC, sendo um dos seus dirigentes o investigador Luís Farinha.

Na última década o Instituto conheceu uma expansão notável. Tornou-se um centro de excelência e incorporou investigadores e docentes de outras universidades do país e internacionais. As transformações sucessivas, as viragens e ajustamentos, nomeadamente a adaptação aos requisitos da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, os quais vieram dar expressão e dinamizar novas agendas de pesquisa através do seu financiamento, criaram dinâmicas sucessivas ao longo do tempo, às vezes verdadeiros desafios para os investigadores e para as instituições universitárias.

Foi dentro desta dinâmica que se viabilizou a parceria e a integração na estrutura de investigação do IHC do polo constituído pelo Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência da Universidade de Évora, em 2013-2014. Presentemente, o IHC é membro do recém-criado IN2PAST, ou seja, o Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território, bem como integra o Lab\_HD – Laboratório de Humanidades Digitais (coordenação de Daniel Alves), um espaço interdisciplinar onde o conhecimento nas Artes e Humanidades converge com metodologias das Ciências da Computação<sup>4</sup>.

## O PENSAMENTO CRÍTICO NA CONFIGURAÇÃO DO ACTUAL IHC

Em 2022, a presente configuração do IHC estrutura-se em Grupos de Investigação e Linhas Temáticas. Nelas se integra um corpo de investigadores com vínculo científico, assim como uma vasta rede de colaboradores e associados que se tornam os suportes para os desafios futuros.

O permanente exercício do pensamento crítico em encontros e seminários é uma marca constante com a qual o IHC nasceu e do qual se alimenta. Foi esse movimento que contribuiu e tem continuado a contribuir para discutir os limites da disciplina da História e da História Contemporânea, em particular trazendo ao debate outras tradições disciplinares como a Sociologia

<sup>4</sup> [https://dhlab.fcsh.unl.pt/about-lab\\_hd-fcsh/](https://dhlab.fcsh.unl.pt/about-lab_hd-fcsh/)

ou a Antropologia, Ciência Política, Arqueologia, História da Arte, Estudos da Cultura, Estudos da Fotografia, do Cinema e Estudos Fílmicos. São, portanto, configurações quer das Humanidades, quer das Ciências Sociais.

Tendo em conta esta configuração – resultado da adaptação aos requisitos da Fundação para a Ciência e Tecnologia – podemos dizer que foi através dos referidos *turning points*, que o Instituto foi consolidando o seu lugar na comunidade académica nacional e internacional, graças também aos seus órgãos directivos, mas igualmente devido ao modo como funcionam os seus grupos de investigação, mobilizados no devir, superando lógicas cronológicas e historicistas, dentro de uma orientação multicultural, colaborativa e de intervenção social. Resultado dessa orientação é a divulgação em regime de acesso aberto de trabalhos de investigação originais nas áreas da Cultura e da História e das outras Ciências Sociais, as quais incidem sobre o período contemporâneo e são publicados pela editora universitária especializada, Imprensa de História Contemporânea. A par desta, a publicação da revista académica digital *Práticas da História* (coordenação de Pedro Martins)<sup>5</sup>, indexada recentemente à *Scopus* (em parceria entre o IHC — NOVA FCSH / IN2PAST e o CHAM – Centro de Humanidades), pretende submeter a um questionamento permanente as fronteiras que delimitam o domínio disciplinar dessas práticas. De assinalar, ainda, a revista internacional e interdisciplinar online *Aniki: Revista Portuguesa da Imagem em Movimento* (coordenação de Sofia Sampaio), criada para aproximar as comunidades internacionais e luso-falantes dedicadas ao estudo do cinema e dos média.

Não podemos negar, contudo, existir nesse processo de questionamento uma dificuldade em definir ou dar visibilidade aos contributos teóricos e metodológicos dos Estudos Culturais de uma forma mais profunda, alargando a noção de cultura ao seu sentido antropológico (Agger, 1992, p. 2). Uma das razões que poderá explicar essa situação será talvez, do nosso ponto de vista, as mudanças cíclicas fruto dos financiamentos e directivas da Fundação para a Ciência e Tecnologia, cujas políticas são actualizadas a nível nacional.

## A ORGANIZAÇÃO CIENTÍFICA DA INVESTIGAÇÃO

Dentro do enquadramento apresentado, os investigadores têm-se centrado no estudo dos fenómenos induzidos pelas culturas do contemporâneo, como é o caso do G3 Grupo “Cultura – Poder, Mediações Modernas e Artes” anteriormente dinamizado por Rita Luís e actualmente coordenado por Ca-

<sup>5</sup> <https://praticasdahistoria.pt/>, acedido em 5 de Janeiro de 2023.

terina Cucinotta, grupo que considero ser aquele que mais se aproxima das minhas preocupações no âmbito dos Estudos Culturais.

Outros Grupos de Investigação podem referir-se como convergindo ou dialogando com os Estudos Culturais: o G1 Grupo História Política – Regimes, Transições e Memória (coordenação de Yvette Santos); o G2 Economia e Sociedade (coordenação de Ricardo Noronha); o G4 História da Ciência, da Tecnologia e do Ambiente (Coordenação de Maria de Fátima Nunes)<sup>6</sup>.

Seguem-se igualmente os espaços de reflexão e debate que são as Linhas Temáticas. Durante o ano de 2022, destacamos o trabalho de “Mediações Modernas: Arte, Tecnologia e Comunicação” (coordenação de Rui Lopes), a qual referiremos mais à frente, e “Usos do Passado: Memória e Património Cultural” (coordenação Xurxo Ayán Vila); bem como as Linhas Temáticas “Histórias Conectadas” (coordenação de Manuel Loff); “Colonialismo, Anti-colonialismo e Pós-colonialismo. Repensar Impérios e suas consequências” (coordenação de Pedro Aires de Oliveira); e “Mundos Precários e Sustentabilidade: Natureza, Saúde e Trabalho” (coordenação de Ana Isabel Queiroz).

## **O GRUPO DE INVESTIGAÇÃO “CULTURA — PODER, MEDIAÇÕES MODERNAS E ARTES”**

O Grupo de Investigação “Cultura — Poder, Mediações Modernas e Artes”, onde me integro, é essencialmente um espaço de discussão e produção académica crítica em diálogo com várias disciplinas e debates contemporâneos. O objectivo deste grupo é garantir trocas intelectuais entre os seus membros através dos seminários organizados onde os investigadores são convidados a apresentarem para discussão os seus trabalhos de investigação em curso. É um grupo interdisciplinar empenhado no estudo das dimensões históricas e políticas dos objectos culturais.

Partindo de contributos de disciplinas como a História Cultural, passando pela Historiografia, Memória e História Oral, os membros desenvolvem uma cultura de seminário baseada na partilha e debate de textos e pesquisas, projecções de filmes, comentários a trabalhos de teses de doutoramento, e até textos de candidaturas a concursos. Muitas das sessões são públicas envolvem investigadores de outras universidades e institutos.

---

<sup>6</sup> Entretanto, o IHC procedeu em Dezembro de 2022, a uma reorganização científica “mais simples e efectiva”, tendo em conta a próxima avaliação das unidades de investigação em 2024 e a candidatura a preparar durante 2023. Assim, os Grupos passaram a ser quatro.

Neste sentido, o grupo tem a capacidade de abranger diversas historiografias, explorar novas fontes historiográficas como as imagens (fotografia e cinema) e os sons; questionar categorias tradicionais, abrindo-se a outras tradições historiográficas, artísticas e culturais ou até a formas de expressão não académicas e cruzando pontos de vista dos seus membros, muitos deles investigadores de outros países. Destacam-se iniciativas como os seminários “Art in the Periphery” e “Historical Revolution”, ou a “Oficina História e Imagem” que referirei a seguir.

## Oficina de História e Imagem

Originalmente fundada pelos investigadores Tiago Baptista, Joana Estorninho, Rui Lopes e Lais Pereira em 2014, a OHI tem tomado diferentes formas ao longo dos anos. Foi, também, coordenada por diversos membros do IHC, incluindo Caterina Cucinotta, Catarina Laranjeiro, Madalena Miranda e Giulia Strippoli e Raquel Schefer. A coordenação atual está a cargo de Mélanie Toulhoat.

Trata-se de um fórum de reflexão e debate entre criadores, investigadores e arquivistas de diferentes áreas do saber que se interessam especificamente pelo papel da imagem na mediação do passado. Através de variados formatos (desde seminários a publicações), a OHI pretende estimular a discussão transdisciplinar sobre as metodologias analíticas, os desafios teóricos e as responsabilidades políticas inerentes ao uso de imagens para a construção do conhecimento histórico.

São exemplos de seminários e discussões:

- *Alcindo* (2021), filme de Miguel Dores (moderação de Giulia Strippoli);
- “A História através das imagens: figurinos e figurinistas no cinema português” (Caterina Cucinotta);
- “Álbuns de Guerra” (Catarina Laranjeiro);
- “Conversas à volta de um projecto: Fotografia impressa e história na investigação sobre o Estado Novo” (Filomena Serra, moderação de Pedro Martins e Nuno Medeiros);
- *Fordlândia*, filme de Susana Sousa Dias (moderação Catarina Laranjeiro);
- *O olhar forense: imagens, evidências e conhecimento na Espanha contemporânea* (documentário *What Remains* de Lee Douglas e Jorge Moreno).

## A LINHA TEMÁTICA

### "Mediações Modernas: Arte, Tecnologia e Comunicação"

A chamada viragem cultural e o desenvolvimento dos Estudos Visuais abriram a História a novos objectos e arquivos, incluindo fontes audiovisuais. Esta abertura é particularmente visível na atenção renovada dada ao papel das imagens na história contemporânea. A Linha Temática reúne investigadores, muitos deles integrados no Grupo "Cultura – Poder, Mediações Modernas e Artes", envolvidos no estudo e elaboração de diferentes formas de representação histórica, articulando pesquisa de longa data sobre a imprensa e a circulação de discursos, documentários, performance, práticas de curadoria ou atlas literários, assim como um crescente interesse pela música popular.

Esta Linha caminha, assim, em direcção a práticas de intercâmbio com disciplinas próximas (história da arte, estudos de cinema e média, etnomusicologia) e instituições culturais e artísticas. Mais do que um conjunto de ferramentas para representar a realidade, as mediações modernas são aqui vistas como parte da própria realidade, cobrindo um período marcado pelo papel constitutivo da linguagem, das imagens e dos sons na vida social e na modernização.

Por exemplo, a última actividade de "Mediações Modernas" foi o "Passado em Cena", sessão e debate dedicados a uma obra de ficção histórica e a um formato audiovisual – a série da Netflix, *Glória*, série filmada em Glória do Ribatejo, um filme de espionagem passado em Portugal, tendo como protagonista a Rádio Europa Livre, durante a Guerra Fria.

Esta Linha Temática desenvolveu ainda uma expressão digital das diversas iniciativas com ela relacionadas. É uma plataforma que se foca na discussão, estudo e elaboração de diferentes formas de representação histórica, dentro e fora (e nos interstícios) da academia, com particular destaque para interacções produtivas com o campo das artes, recursos tecnológicos e objectos audiovisuais.

Numa primeira fase, a plataforma procurou documentar, entre outros, os encontros do seminário "Oficina de História e Imagem" onde se discutem pesquisas a partir da dimensão visual, e do ciclo de conversas "Passado em Cena", onde se têm abordado o passado e à memória histórica em diversas produções culturais contemporâneas.

O site (coordenado por Catarina Laranjeiro) contém ainda uma secção com ensaios de investigadores do IHC, reflexões sobre o potencial e os desafios da pesquisa de diferentes espólios de fontes digitais.



## O GenLab – LABORATÓRIO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

A criação do GenLab – Laboratório de História Contemporânea dedicado à investigação em Estudos de Género é um dos últimos desafios dentro das actividades do IHC que se afirma como transversal. As discussões têm como objecto artigos de referência e/ou a apresentação de uma pesquisa em curso. Têm uma periodicidade mensal e podem abrir-se a convidadas/os da comunidade académica e do público em geral. É constituído por investigadoras e investigadores cujos trabalhos se focam em (ou se interseccionem com) questões de género, sexualidades, família, entre outras.

O GenLab encetou a sua actividade em Outubro de 2021. Coordenado por Joana Matias, teve logo iniciativas em parceria com o Museu do Aljube em torno do filme *Outras Cartas ou o amor inventado*, de Leonor Noivo (2012), bem como uma visita à exposição “*Mulheres e Resistência – “Novas Cartas Portuguesas e outras lutas*. Outras iniciativas incidiram também sobre o visionamento e discussão do filme *Elas também estiveram lá* de Joana Craiveiro, investigadora no IHC, encenadora de teatro e dramaturga. O filme procura resgatar a presença das mulheres em vários momentos históricos da recente história política portuguesa.

Exemplos de outras iniciativas:

- Debate sobre “O sexo dos arquivos: género e sexualidades, entre o visível e o invisível” (Joana Matias, Raquel Afonso e Pedro Urbano);
- Debate sobre «Mulheres e género na ‘nova esquerda’ dos anos sessenta e setenta: Questões de historiografia e cidadania» (Giulia Strippoli).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como tentei demonstrar, o conjunto múltiplo de investigadores e investigações de formação muito diversificada e de origens académicas e geográficas muito diferentes fizeram com que a complexidade na análise dos fenómenos culturais seja encarada de modos dinâmicos, multi-contextuais e até transnacionais, tornando as práticas intelectuais dos seus membros, embora fragmentadas, extremamente cooperativas e interdisciplinares, com preocupações e enfoques diversos, em temas da actualidade e de intervenção política e cívica, de acordo com o regime democrático em que vivemos, onde podem ter lugar



a investigação e o estudo de temas marginais e não oficiais. Nenhum dos Grupos de Investigação ou das Linhas Temáticas se rejeita mutuamente. “Este apelo à interdisciplinaridade torna-se transversal e sugere “múltiplos cruzamentos até porque os métodos utilizados apesar de serem diversos, podem complementar-se (Baptista, 2009, p. 459). Neste sentido, o IHC tem a capacidade de se abrir a uma complexidade multifacetada ao abranger diversas historiografias. Talvez o facto da indefinição do conceito de Estudos Culturais faça com que este se estilhace em diferentes direcções. Contudo, é seguramente uma das grandes qualidades do IHC o modo como em geral se abordam as temáticas, na linha de pensamento do que Judith Butler (2004) chamou de “teoria crítica”.

Deste ponto de vista, foi significativa a reformulação dos objectivos presentes e futuros do IHC, programados na última reunião estratégica de 10.02.2023, nomeadamente do Grupo de Investigação Cultura – Poder, Mediações Modernas e Artes. No conteúdo do seu programa ficou expressa a proposta de investigar “práticas culturais no âmbito do cinema, da fotografia, do jornalismo, da literatura e das artes performativas, beneficiando do desenvolvimento da História Cultural e dos Estudos Culturais, em diálogo com os Estudos Artísticos e a História dos Media e da Comunicação, mantendo e promovendo uma dinâmica através de parcerias formais em museus, arquivos e instituições artísticas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agger, B. (1992). *Cultural Studies as critical theory*. Falmer Press.
- Baptista, M. M. (2009). Estudos culturais: o quê e o como da investigação. *Carnets*, (Número Spécial), 451-461.
- Butler, J. (2004). *Undoing gender*. Routledge.
- Collins, H. (2000). *Black feminist thought*. Routledge.
- Neves, J. (Dez. 2021). *Documento de apoio à Assembleia Geral de dezembro de 2022* (Pontos 1 e 2 da Ordem de Trabalhos). Direcção do IHC.
- Relatório de Actividades 20-20* (Abril de 2020). Instituto de História Contemporânea, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade de Évora.
- Relatório de Actividades 20-22*. (Julho de 2022). Instituto de História Contemporânea, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade de Évora.
- Instituto de História Contemporânea. Disponível em <https://ihc.fcsh.unl.pt/>